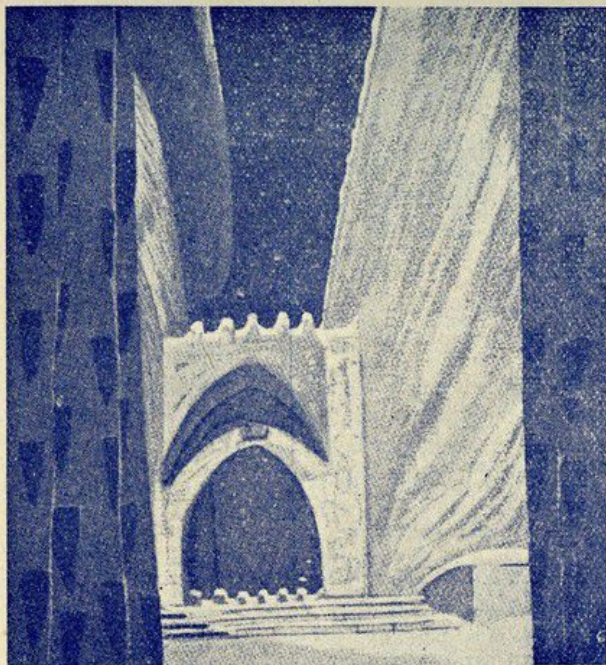


A Scenografia da Vanguarda

Um dos ramos artísticos que ultimamente mais tem florescido sob o sol do triunfo, é a scenografia.

Esses cenários arabescados, essas *mise-en-scenes* congestionadas pela decoração e pelo mobiliário, que es-



«Hamlet» — Explanada do castelo, por Mignoni

tavam para a sobriedade artística como o barroco estava para as linhas arquitetônicas egípcias, desapareceram já de todos os palcos onde o espírito moderno comunica com o público — o verdadeiro público do século XX.

Com Meyerkord, Tairof e Massine, a Rússia em 1918 fazia cair, num gesto irreverente e hercúleo, a hacha da renovação sob a cabeça já calva da rotina — abrindo-a de meio a meio para mostrar que se algum dia ela teve cérebro, este agora estava reduzido a pó...

...E Shakespeare foi representado nos grandes teatros populares com cenários sintéticos, francamente modernos.

E pouco a pouco as novas fórmulas invadiram a Europa, surgiram os Max Reinhardt, os Gordon Craig, os Bragaglia...

Os cenários de «L'Amant» de Gerardy, já foram feitos sob a preocupação de que a atenção dos espectadores, em vez de convergir-se para a decoração, se fixasse na parte capital da obra — o diálogo e a atitude dos personagens.

Sabe-se, por longa experiência, que as *mise-en-scenes* complicadas são um motivo de atração para o espectador, prejudicando assim a emoção que a alma deste deve receber através o conflito dos personagens da obra em representação.

O italiano Aquiles Ricciardi chega a defender o prin-

cípio de se colocarem em cena apenas os móveis necessários aos personagens — apenas aqueles que estejam pela ação da peça ligados aos próprios gestos e movimentos dos actores.

Outra corrente de certa maneira ligada aquela, é essa que exige, dentro de linhas sobrias, que a decoração da cena, não só objective o meio em que a peça decorre, como também surgira o ambiente mental que o autor quer insuflar na alma dos espectadores.

Ricciardi chega a exemplificar: No «Hamlet» para estar de acordo com o pensamento do seu autor, eu vejo formas largas, arcos em ogiva, ciprestes cônicos, esse algo torturante e estranho que há nas telas de «Greco».

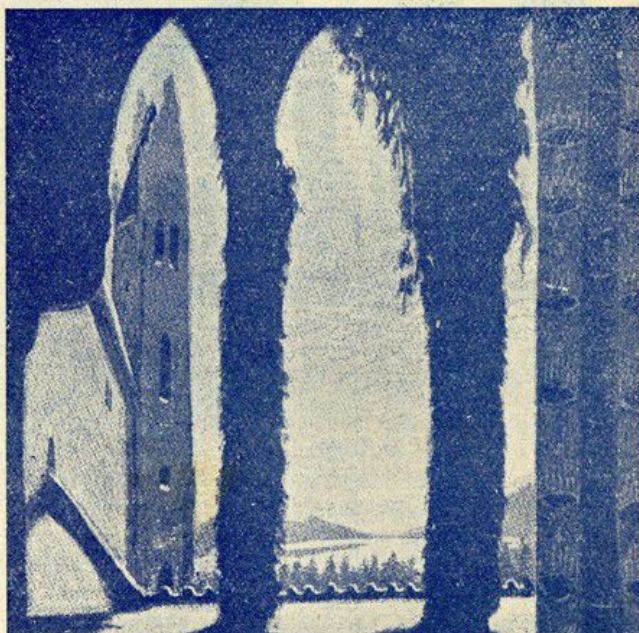
Todos os cenários, dos quais reproduzimos dois, feitos por Fernando Mignoni para a celebre obra de Shakespeare, abedecem áquele critério.

Marcha-se, pois, para uma completa renovação scenográfica.

As exuberâncias de Bakst e essas outras exuberâncias que o triunfo dos bailados russos tornaram moda na Europa, entram em decadência, e se se compreendem nas obras feéricas, já não se justificam nas obras cuja ficção pretende vir até a alma do espectador, como verdade.

A scenografia, hoje, ou se mantém neutra á acção dramática, como a quer o inglês Gordon Craig, ou sugere, dentro da sua sobriedade e sem preocupação de anedota pictural, o mundo subjectivo sonhado pelo autor da peça.

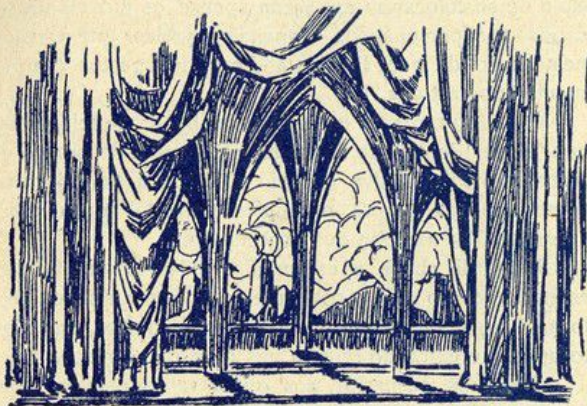
Uma nova corrente, porém, se enunciou, formada por alguns futuristas e expressionistas, onde ao manter-se o princípio de sugerir, se fugia á sobriedade e á parte anecdótica. Nesta corrente está a *maquette* scenográfica



Outro cenário para «Hamlet» por Mignoni

que reproduzimos, feita pelo futurista Prompolini para o quadro *A selva das serpentes*, da obra de Marinetti, *O tambor de Fôgo*.

Uma outra inovação, mais salientada pelo seu aspecto pratico do que pelo seu valor artistico, foi essa que fez



Mas que representam perante a vida colectiva todas essas tentativas de inovação?

Muito. Elas são bem um sintoma da inquietude, do anseio renovador, que presidem á nossa epoca. Elas, num momento em que os reaccionarios pretendem que o mun-



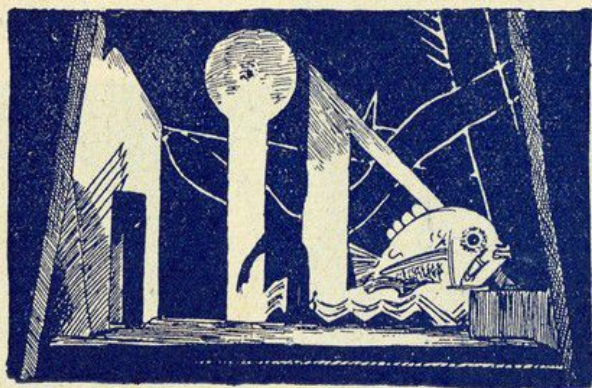
«O claustro» e «O bosque»—Dois aspectos diferentes dum só scenario de Nicolás Lipski, feito para «Pelleas e Melisandra».

o pintor russo Nicolás de Lipski, com os seus scenarios «transformistas».

O caso, porem, de Lipski está mais dentro do invento do que da renovação.

Num mesmo scenario, aquele artista pinta dois quadros totalmente diferentes, destacando-se um e agregando-se o outro conforme a posição e a cor da luz que para ele convergir.

E' algo assim como esses desenhos de almanaque onde ha uma mulher com esta legenda — «Onde está o homem?... Descoberto o homem, é este o que brilha an-



Scenário expressionista

te os nossos olhos, enquanto a mulher se apaga — e o quebra-cabeças fica decifrado...

Todavia, estes acenarios, dos quais reproduzimos um, nos seus dois aspectos diferentes, teem obtido bastante exito, desde que a celebre bailarina Pacalowa estreou o primeiro num teatro de New York. Esse exito deve-se á utilidade da invenção de Lipski, que permite ás companhias teatraes, especialmente as que viajam, levar apenas a metade do material scenografico vulgarmente empregado.

do retroceda para as epocas de despotismo, evidenciam, como tantas outras manifestações, aos nossos contemporaneos, que o mundo só pode marchar para a frente, sempre mais para a frente...

F. de C.

O cinquentenário do telefone

O mês passado, comemorou-se na América o cinquentenário dum dos mais interessantes inventos modernos: o telefone.

De facto, foi em 1876 que o escossês Alexandre Graham Bell conseguiu a primeira transmissão do som através de fios, em Boston. No mesmo ano, o aparelho concedido por Bell foi apresentado na exposição de Filadélfia, incidindo sobre ele a atenção de todo o mundo culto.

Bell foi bastante infeliz. A sua invenção, contestada e combatida, só se impoz e triunfou após longos anos de combate; mas o inventor, em luta contra um meio hostil e contra competidores endinheirados, e que de tudo conseguiu triunfar, mercê da sua perseverança, não assistiu à festa consagratória que acaba de fazer-se à sua imortal criação: morreu a 2 de Agosto de 1922, em Washington.

No entanto, viu ainda essa consagração, na enorme expansão que teve o seu invento, principalmente nos Estados Unidos, onde existem nada menos de dezassete milhões de aparelhos telefónicos montados, isto é, 15 telefones por cada 100 habitantes.

A mais poderosa estação de T. S. F.

A estação de telegrafia sem fios mais poderosa do mundo é a Hilmorton, próximo de Rugby, cidade inglesa na Grã-Bretanha. Custou 400.000 libras, ou sejam perto de quarenta mil contos.

Hilmorton transmite noticias três vezes por dia: ao meio dia, às 20 horas e à meia noite. As suas iniciais são G. B. R. e trabalha, actualmente, em ondas de 15.740 metros.

As suas transmissões são feitas em lingua inglesa, com o alfabeto Morse; transmite apenas 18 palavras por minuto, para garantir a perfeita recepção dos seus comunicados.